

**BASES ANTICOLONIAIS PARA O ENSINO HISTÓRICO-CRÍTICO DE QUÍMICA:
PRIMEIRAS INCINERAÇÕES [PEDRO MAGALHÃES]**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v17i2.70325>

Paloma Nascimento dos Santos¹

Título: Bases Anticoloniais para o Ensino Histórico-Crítico de Química: Primeiras Incinerações

Autoria: Pedro Magalhães

Cidade e editora: Salvador, EDUFBA

Ano da publicação: 2025

Páginas: 493

O texto de Pedro Magalhães é um desafio. Para os sentidos, para a intelectualidade e para a prática. Não apenas pelo volume de suas quase quinhentas páginas, mas porque nos desafia como professoras e professores a rediscutir a polissemia e as contradições de uma área que muitos e muitas consideram já consolidada: as questões raciais no Ensino de Ciências e de Química. Pedro Magalhães é professor e pesquisador, com experiência docente em todos os níveis de ensino. Pesquisa na área de Ensino de Química a partir dos temas raça e racismo na educação escolar na perspectiva marxista, pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural no Ensino de Química. Atualmente é professor do Instituto Federal da Bahia (Campus Barreiras), coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do referido campus e pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Pesquisa em Ensino Concreto de Ciências (ENCONCIÊNCIAS-PPGEFHC/UFBA).

Este livro é derivado de uma pesquisa de mestrado, porém, durante um dos eventos de lançamento de *Bases Anticoloniais para o Ensino Histórico-Crítico de Química: Primeiras Incinerações*, surgiu um questionamento sobre para quem o livro seria escrito, se seria voltado apenas para docentes das Ciências. Desde as primeiras linhas, quem lê percebe que esta é uma obra para professoras e professores de Química, mas não somente. Magalhães dialoga com o conjunto do ensino de Ciências e reivindica, com vigor, um lugar para as relações étnico-raciais em uma área muitas vezes reduzida a práticas apolíticas e, como o próprio autor reconhece, fruto de uma “heterodoxia teórico-metodológica” (p. 45). É um livro para quem tem paciência (como ele solicita a todo momento), porém revolta urgente, que ele nos convida a transbordar ao final dos capítulos.

O livro está estruturado em seis capítulos, precedidos por prefácio de Hélio Messeder Neto e seguidos por posfácios de Carolina Picchetti Nascimento (docente da UFSC) e Emília Afonso Nhalevilo (docente catedrática em Química da Universidade Pedagógica de Maputo). No primeiro capítulo, “Minha

voz, uso para dizer o que se cala: introdução e motivações”, Pedro apresenta suas motivações e formula a questão central: *quais são os princípios pedagógicos anticoloniais capazes de orientar o trabalho histórico-crítico de docentes de Química?* partindo da hipótese de uma heterodoxia teórico-metodológica para o campo das relações étnico-raciais no ensino de ciências e sinalizando que irá propor uma crítica aprofundada sobre, reconhecendo a quantidade de produções e teorias a analisar. É neste momento que justifica, mais uma vez, o tamanho de seu próprio texto. Talvez você termine este capítulo se perguntando se uma pesquisa responsável com a materialidade histórica do conhecimento do povo negro necessita exatamente de volumes imensos. O segundo capítulo, “O fruto proibido: o colonialismo, o negro e a educação”, constitui um resgate histórico em que Pedro se utiliza do método materialista histórico-dialético para justificar, junto com Aimé Césaire, Clóvis Moura, Frantz Fanon e Marx, como a desumanização dos negros e negras na história aconteceu por meio de níveis materiais. Essa perspectiva, já no início do livro, é fundamental, visto que situa os conceitos para uma caminhada prático-concreta voltada para a educação. Ao definir o colonialismo e seu conflito mais essencial, a produção de duas classes históricas, colonizado e colonizador, Pedro se articula com autores como Fanon (2022) e Aimé Césaire (2020). Ambos veem no racismo sofrido pelos povos racializados a ideologia mais arraigada no processo de alienação gerado pela condição colonial, alienação que serve como o *modus operandi* do colonialismo. A ideologia colonial tem como propósito dominador sempre deslegitimar a história do colonizado e, conseqüentemente, sua cultura e seus símbolos, apagando sua memória através da doutrinação colonial. É por intermédio da educação que o sistema colonial reproduz sua ideologia, usada como mecanismo de alienação: supervaloriza tudo que seja oriundo da metrópole e deprecia os povos originários (Silva, 2021).

A leitura deste capítulo é fundamental para propor mais uma base histórica sobre as raízes coloniais da educação brasileira, que considerava o negro como mercadoria do colonialismo, portanto desumanizado a ponto de não ser educado. A máquina desumanizadora poderia impedir e dificultar até a construção de organizações e resistências, como os quilombos, coletivos que geravam “um acúmulo de conhecimento em formas particulares distintas de transformar a natureza” (p. 83). Este capítulo é fundamental para que educadoras e educadores da área das Ciências compreenderem que os processos de organização coletiva e anticolonial de resistência históricas do povo negro no Brasil foram vitais para sedimentar a educação como um valor político para a luta de pessoas negras. Ao compreender isso, compreende-se que a luta anticolonial pela educação escolar de negros e negras é uma luta por libertação.

Pedro gira, gosta de girar e isso fica evidente no terceiro capítulo, “Alice no país das maravilhas da democracia racial: o capitalismo, o negro e a educação” em que articula noções relacionadas às teorizações sobre o capitalismo, a luta de classes e o racismo brasileiro em diálogo com a educação. O autor situa historicamente o Teatro Experimental do Negro (TEN) e a Frente Negra Brasileira (FBN) e posiciona o que educadoras e educadores em Ciências, em sua aridez formativa, podem aprender com a história destas duas organizações. As propostas revolucionárias para a educação do povo negro elaboradas pelo Teatro Experimental do Negro e pela Frente Negra Brasileira só assim o foram porque partiram da realidade concreta do povo negro. Pedro vai e volta na história para celebrar, mas também elaborar uma discussão crítica às diretivas legais — a Lei 10.639/03 e as DCNERER — muitas vezes elevadas a um lugar de salvação

na área de Ensino de Ciências, e aponta que a elas falta o fogo, falta “um delineamento mais radical, politicamente falando, mas também no que diz respeito às outras áreas do currículo, como as Ciências da Natureza” (p. 180).

Os capítulos seguintes, “Incinerar para enegrecer: uma análise marxista anticolonial das teorias da educação do campo de relações étnico-raciais no Ensino de Ciências” e “A arma da teoria: princípios pedagógicos anticoloniais para ensinar Química” se configuram como a centralidade da pesquisa. No quarto capítulo, em mais de 160 páginas de texto, Pedro elabora uma análise aprofundada, que não pretende ser uma revisão de literatura, e dá para *todos os fogos o fogo* ao resgatar as principais correntes teórico-pedagógicas que trataram da Educação para as Relações Étnico-Raciais no ensino de Química. Sua hipótese é demonstrada aqui: faltam princípios teóricos, falta elaboração e consistência metodológica, falta compromisso revolucionário, falta análise de uma escola pública negra e feminina em boa parte do Brasil. É neste capítulo que o autor nos mostra que o povo negro se organizou de maneira elaborada, resistente e sistemática ao longo da história, no entanto, a educação em Ciências desconsidera este fato. Pedro faz críticas inéditas à pedagogia histórico-crítica, ao ensino de Ciências para os direitos humanos, às perspectivas decoloniais e às perspectivas pós-críticas e todas essas críticas partem de um único ponto: a dificuldade de professoras e professores em promover o debate racial em Química e Ciências se dá pela ausência de princípios teóricos e pedagógicos que fundamentem suas práticas a partir da realidade concreta (Paixão; Messeder Neto, 2020).

“Houve um tempo em que eu pensava muito nos axolotes. Ia vê-los no aquário do Jardim das Plantas e ficava horas olhando-os, observando sua imobilidade, seus imperceptíveis movimentos. Agora sou um axolote” (Cortázar, 2014, p. 86).

No conto *Axolote*, de Julio Cortázar, um homem se depara com um axolote em um aquário público e fica tão fascinado que passa a visitá-lo ininterruptamente até um dia, se tornar um deles, trocando de lugar. Homem no aquário, professor-pesquisador-axolote no mundo. Ao iniciar o capítulo fundante de seu livro com estes animais, Pedro troca pele com um bichinho rosado para criativamente criar o melhor exemplo explicativo sobre a totalidade da realidade. É o princípio-todo que orienta e explica a realidade. Aqui, neste capítulo, são erigidos os três princípios pedagógicos anticoloniais para o Ensino de Química a partir da concretude da realidade negra brasileira, elaborados “pela processualidade histórica e feitos para reafirmar os interesses da classe trabalhadora negra e feminina brasileira” (p. 360). Pedro Magalhães inaugura um campo de pesquisas ao definir os princípios: (i) a dimensão histórico-sociológica dos sujeitos concretos do trabalho pedagógico em Química; (ii) a forma dupla do conteúdo de história e cultura afro-brasileira no ensino de Química e o caráter reacionário da educação das relações étnico-raciais; (iii) o ensino concreto de história e cultura africana e afro-brasileira nas aulas de Química como produtor de uma concepção revolucionária de mundo. Ao discorrer sobre os três princípios fundamentais, Pedro elabora uma proposta para uma prática docente em Química que demonstra o abismo total em que professores, professoras e

estudantes (dentro e fora do aquário) estão implicados: o capitalismo racista. Por meio da crítica e da apresentação de práticas em sala de aula, Pedro vai alinhavando os três princípios a partir de exemplos concretos de sua pesquisa, da sala de aula, da experiência de movimentos de trabalhadoras e trabalhadores negros e das lutas revolucionárias.

Não há leitura como essa no ensino de Química e no ensino de Ciências. Algo é inaugurado. Por isso mesmo, a sensação é de caminhos abertos. A partir de seu compromisso docente, Pedro finaliza o volumoso texto indicando projetos futuros para aplicação dos princípios elaborados nas múltiplas instâncias educacionais e na formação docente em Química. No último capítulo, “Cada um de nós deve assumir com o ensino as suas responsabilidades revolucionárias: considerações finais sobre uma pesquisa de ausências, uma pesquisa incipiente”, funciona como síntese e convocatória. Pedro reconhece sua pesquisa como incipiente, marcada por ausências, mas insiste na necessidade de assumir responsabilidades coletivas. O livro não fecha um debate, mas inaugura uma área no ensino de Ciências e de Química.

A leitura de *Bases Anticoloniais para o Ensino Histórico-Crítico de Química: Primeiras Incinerações* contribui para que aprendamos sobre a sistematização do conhecimento negro e como o aprendizado em Química pode ser utilizado para a luta revolucionária pela superação do racismo e do capitalismo. É para todo mundo, principalmente porque durante a leitura temos a impressão de estar pensando com Pedro, na cabeça de Pedro, ouvindo as músicas que ele ouvia nas pausas do respiro da escrita para organizar a revolta, ao lado dele durante o riscado do rascunho, quantos rascunhos. Em espelho de cenho franzido diante da arte, dos dados, das mortes negras, da poesia negra. O livro é repleto de arte, seja pela abertura dos capítulos com letras de músicas, seja pelas ilustrações de Rebeca Victória da Rocha, seja pelas inúmeras notas que nos obrigam a aumentar o tempo de caminhada para admirar a arte que salva. Aqui, professora negra e professor negro se encontram nos dados negativos que insistimos em mostrar ao mundo, na aparente falta de notícias positivas quando se fala de questões raciais. É um livro para ler com a mandíbula trincada, principalmente durante os trechos em que o diálogo teórico que Pedro Magalhães propõe, critica uma área, o Ensino de Ciências e de Química, que não olha mais para o chão. *Os pretos e as pretas só se movimentam pela falta?* O valor de *Bases Anticoloniais para o Ensino Histórico-Crítico de Química: Primeiras Incinerações* está em inaugurar um campo, ao mesmo tempo em que convoca docentes a uma prática radical. A densidade de suas análises, o rigor marxista, a articulação teórica, a dança com as notícias de hoje e com as bases do passado, e a coragem de enfrentar correntes teóricas já estabelecidas tornam o livro um marco incontornável. Ao mesmo tempo, sua dimensão poética e estética cria uma experiência singular: pensar com Pedro é também habitar o espaço entre fogo e arte, incineração e educação.

Bases Anticoloniais para o Ensino Histórico-Crítico de Química: Primeiras Incinerações é um livro escrito por um professor que foi docente em um quilombo educacional, estrutura com projeto político, pedagógico e educacional negro e revolucionário de Salvador e da Bahia, que não apenas garantiu o acesso de jovens negros à universidade, mas que também lhes ofereceu bagagem e compreensão político-social e científica a partir da periferia e para a periferia. O olhar de Pedro Magalhães é atento a si, homem negro e à cidade de

Salvador, mas se expande para o Brasil e para o mundo como um todo. Sua analítica da história não se limita aos clássicos teóricos e negros que leu (e leu demais), mas se inscreve também na escuta do noticiário pavoroso que insiste nas mortes, na ousadia de elaborar um gráfico com coeficiente de determinação, no cuidado com a linguagem com o deboche e com a ironia como método de afirmação sobre quem se é e de onde se vem. Ao mesmo tempo, é um texto forjado no diálogo entre múltiplas perspectivas teórico-metodológicas, atravessado por sensibilidade crítica. Da sensibilidade com dendê, em mostrar as fragilidades das nossas pesquisas e áreas, inclusive as próprias.

Pedro Magalhães nos lembra que a luta anticolonial na educação em Ciências é luta de libertação. É, sobretudo, a responsabilidade revolucionária de transformar o Ensino de Ciências e da Química em espaço de resistência e superação do capitalismo e do racismo. E essa é a principal contribuição de sua obra: é possível ensinar e aprender Química de uma maneira humana, e cientificamente revolucionária a partir da realidade concreta do povo negro e da classe trabalhadora.

Referências

- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- CORTÁZAR, Julio. **Final do jogo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CORTÁZAR, Julio. **Todos os fogos o fogo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. 7. ed. São Paulo: Anita Garibaldi / Fundação Maurício Grabois, 2020.
- MESEDER NETO, Hélio da Silva; MORADILLO, Edilson Fortuna de. **Uma análise do materialismo histórico-dialético para o cenário da pós-verdade: contribuições histórico-críticas para o ensino de Ciências**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 37, n. 3, p. 1320-1354, 2020.
- PAIXÃO, Kananda Eller Souza; MESEDER NETO, Hélio da Silva. **Quem vai chegar primeiro: a bala ou a ciência? As dificuldades e as potencialidades que os professores de química têm em relacionar o ensino de química e relações étnico raciais**. Revista Debates em Ensino de Química, v. 6, n. 2, p. 36-64, 2020.
- SILVA, Bruno Alcântara Conde. **Entre o colonizador e o colonizado: a concepção de colonialismo e de relações de poder nas obras de Frantz Fanon, Albert Memmi e Paulo Freire**. Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, v. 4, n. 8, 2021.

¹ Doutora em Educação e Ensino de Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Instituto de Química da UFBA e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS. Coordenadora do NEGRECI - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Étnico-Raciais e Negritudes no Ensino de Ciências (UFBA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9868206892511511>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2480-4666>. E-mail: palomans@ufba.br.